2.ª SERIE. TOMO V.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 48. QUINTA FEIRA, 9 DE JUNHO DE 1853. **12.º ANNO.**

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

O CANAL DA AZAMBUJA E A AGRICULTURA DO RIBATEJO.

*Ill.*mo *e ex.*mo *sr. duque.*—Folgo muitissimo da chegada de v. ex.ª, e vejo satisfeitos os meus votos.

Segundo as ordens de v. ex.ª, vou com esta minha respeitosa carta expor-lhe tudo quanto observei relativo ao canal da Azambuja, não só do seu estado actual, mas tambem das consequencias que infallivelmente devem succeder provenientes desse mesmo estado.

Fui ao logar indicado por v. ex.ª; observei com toda a attenção as maiores particularidades, e formei uma idéa tristissima. Para ser mais explicito direi: que reconheço estar proxima a total ruina do canal, e infelizmente esta profecia póde dar-se como realisada, se a respeitavel companhia não accudir de prompto, applicando os remedios mais acertados, pois não os fazendo pouco tempo tardará a anniquilação do canal.

Ninguem mais do que v. ex.ª sabe quaes eram os fins da companhia, e quaes as suas esperanças. Essas esperanças fundavam-se sobre as receitas da navegação do canal, e sobre a distribuição das aguas para o serviço indispensavel das irrigações. Estas duas coisas não passaram de uma illusão, porque a grande idéa em projecto não se acabou senão por metade, como demonstrarei.

Fez-se uma só repreza quando deviam fazer-se duas; e um só descarregador das torrentes das aguas, em logar de dois, como estava no projecto. Por estes dois factos não existem as irrigações; e a navegação é desgraçada e incompleta, e por esse motivo é muitissimo diminuta a receita, que não é sufficiente para fazer face ás despezas da administração, e da conservação do mesmo canal. Neste estado é a companhia necessariamente obrigada a continuar todos os dias com despezas, cada vez maiores, e consequencia inevitavel da queda a mesma.

O motivo mais attendivel a respeito do máo estado das obras, é o seguinte: — Tendo-se arruinado o unico descarregador, que servia para transviar as aguas das cheias ou torrentes, ruina causada pelo maior pezo que devia suster, na falta de outro descarregador em projecto, é natural que se hade precipitar tambem a grande repreza, e é forçoso convencer-se que chegando a primavera, durante ou depois das cheias, ficarão só da grande repreza simples vestigios, e uma idéa triste da sua construcção.

Antes porém de acontecer a total queda do edificio, apparecerão previamente rasgaduras nas paredes da meia laranja da parte do Tejo com abaixamento de uma parte dellas indicando a ruina, porque é ahi que o grande salto do corpo de agua que sáe da repreza, obrigada a estar as portas abertas, deve naturalmente produzir ao pé da dita meia laranja uma grande excavação irreparavel, arrastando comsigo os alicerces e com elles a inteira repreza. Tentar-se-hão fazer ahi reparos, mas sairão sempre dispendiosos e ineficazes; podel-o-hão retardar por alguns annos, mas nunca impedir a profetisada ruina. O maior de todos os males que disto póde provir, é a desanimação geral para as empresas, e para a agricultura, das quaes tanto necessita esta nação; e em vista de uma tal ruina, e do capital já gasto, é duvidosa a creação de qualquer companhia que se encarregue de uma tão ardua empresa, de uma missão tão importante, gastando capitaes sem proveito geral, nem particular; sendo tambem custosos estes sacrificios aos personagens que compoem a illustre companhia; cujos nomes devemos respeitar, pois são elles, que sempre se promptificam para a realisação de alguma idéa grandiosa, e que possa fazer melhorar o estado material do paiz. Em vista do que tenho dito, e cumprindo com o meu dever, vou descrever com a linguagem propria que eu devo ter para com v. ex.ª, a quem sou grato, tudo quanto intendo sobre o canal da Azambuja, e conjunctamente expôr o remedio que se lhe póde applicar.

Considero lamentavel o estado actual do canal, e ninguem, certamente (sem faltar á verdade), é capaz de dizer o contrario. Mas, se immediatamente se fizessem aquelles trabalhos, que tive a distincta honra de propôr a v. ex.ª, a respeito do rio de Alpiaça, cujo plano v. ex.ª tão benignamente approvou, ver-se-íam infallivelmente realisadas as esperanças dos accionistas da companhia. Lembra-me do plano, e das obras de que largamente fallámos na occasião da visita feita para examinar o rio de Alpiaça, quando v. ex.ª me fez a honra da sua apreciavel companhia, para applicar o remedio que se poderia dar aos desastres causados naquelle rio. Com os trabalhos já indicados, se a companhia mandar executal-os, comprometto-me para com v. ex.ª a impedir a ruina imminente do canal da Azambuja, fazendo com que a navegação seja mais extensa; introduzindo a irrigação em grande escala, como o primeiro e essencial fim da companhia; e instituindo para isso obras de hydraulica de diversos generos.

As obras de hydraulica que se devem applicar no dito canal, á differença das que disse serem uteis para o rio de Alpiaça, são de uma simplicidade tal, que em poucos mezes de trabalhos, e com uma despeza, que póde mesmo ser suportada por qualquer capitalista particular, apparecem as suas vantagens, com especialidade as que dependem das irrigações e da navegação, no mesmo anno em que a obra se emprehende.

Acabando pois de discorrer sobre os trabalhos hydraulicos, para obedecer a v. ex.ª, passarei a dizer alguma coisa a respeito do novo systema de agricultura; e mesmo, pouco mais posso accrescentar ao que já pessoalmente disse a v. ex.ª; mas como v. ex.ª queira que o faça por escripto, pratico assim, para unicamente obedecer-lhe, porque a minha penna é muito circumspecta, e tambem porque aquillo que eu digo se é um evangelho, feito por outro poder-se-ía tornar em heresias.

Devem-se introduzir os tres generos de cultivação de que v. ex.ª já está sciente, e de que fiz a experiencia nestes ultimos tempos, e que são tão necessarios para esta nação, no que gasta milhões, comprando fóra do paiz os generos que poderia ter de propria producção, e mesmo exportar em grande quantidade.

As cheias de todos os annos não appareceram a importunar, e a obstar ás cultivações, porque alguns generos se hão-de semear e colher desde maio até setembro, e o trigo poder-se-ha semear nas lesirias no mesmo tempo que se semea nas terras altas; quero dizer: principiando no mez de novembro, constituindo os campos de modo que as cheias em vêz de damnificar as culturas, sejam apreciadas, e sirvam de estrume para os campos, como se faz nas margens do Nilo, sem estragar a feita sementeira. Pois que se bem se observa, as cheias que fazem damno ás sementeiras são raras, acontecendo ellas em vinte annos cinco vezes por termo medio, de modo que se viria a ter uma perca de cada quatro annos. Mas póde-se chamar ella perda? a meu entender estas cheias servem ao contrario de beneficiar os terrenos, pois que ellas depositam o limo que trazem comsigo, e este alimenta a vegetação, e dá mais força productiva á terra, que aliás seriam terras estereis, porque bem se sabe que uma terra por mais boa que ella seja, sendo sempre trabalhada, e sempre semeada de cereaes, estes, e os factos athmosfericos a enfraquecem de maneira que produzem bem pouco. E para maior verdade, se assim não fosse, como poderiam aquelles lavradores terem nos annos que lhe correm bem as estações, um competente lucro? D'aqui então vê-se que aquellas cheias extraordinarias trazem um damno apparente, destruindo uma seara de um anno por beneficiar aquella dos annos seguintes. De maneira que pude affirmar-me serem os males chorados dos lavradores das lezirias do Tejo, causados da constituição do terreno, e do modo de executar a lavoura; da constituição do terreno porque as lezirias sendo formadas de terras terciarias, ou de alluvião, tem muito pouca pendencia a qual não permitindo o livre desafogo das aguas, como acontece nas terras secundarias, ocasionam o estagnamento tão pernicioso para aquellas infelizes terras.

Ponto 2.º Porque sendo estas formadas por meio de continuas deposições das cheias que depositam mais limo nos differentes caminhos que tomam as aguas para correr ao seu destino, constituindo baixas e charcos aonde as aguas da chuva ficam pois empoçadas a detrimento da sementeira. Além disto o terreno das lezirias é sempre naturalmente compacto, e sobrevindo-lhe uma pequena cheia sobre a sementeira, e logo depois de tres, quatro, ou cinco dias tornando-se enchutas, o sol e os ventos rijos secam totalmente aquelle limo que depositou a cheia, que alli afoga o cereal deitando á terra, matando-o não pela cheia pois que o trigo póde ficar debaixo da agua cinco ou seis dias sem sentir detrimento; mas se morre é porque a camada do limo se tornou compacta como já disse.

A estes males causados pela constituição do terreno hade-se ajuntar aquelle que produz o máo systema de lavoura, que de per si só fórma a principal causa dos males.

E de facto a lavoura executada pelas charruas de páu, que giram sempre em roda, seguindo a constituição do terreno, abrindo pequeno e pouco profundo sulco, causam: 1. que as aguas não podendo filtrar nas terras ficam estaveis entre a pequena capa de terra mechida do arado e o duro subsolo que nunca foi roto, e conservando encharcadas as raizes dos cereaes, que depois tornam-se amarellas e perdem-se. 2. Não tendo camalhões e regos escoantes as aguas ficam empoçadas nas diversas baixas que o terreno descreve. 3. Girando á roda formam-se na terra lavrada avarias, a distancias poças, as quaes conservam a agua que destroe pela humidade os cereaes que lhe estão á roda, matando aquelle que lhe foi semeado dentro, e aquelle que lhe está

em roda. 4. Conservando estas a agua e sobrevindo o verão vem as seccas o que é em detrimento da saude da gente produzindo as febres intermitentes. 5. Estas poças e baixas não se podendo lavral-as por causa de serem muito encharcadas e frias, perdem-se, o que se poderia evitar, e aproveital-as sendo optimas para vegetação. 6. Ficando as terras sempre encharcadas, precisa que os lavradores esperem a trabalhal-as quando chegam os mezes de abril e maio, e para fazer a sementeira n'estes dois mezes precipitam os trabalhos competentes a uma boa lavoura, deixando a terra muito mal lavrada, cheia de torrões e hervas parasitas, de modo que deste mal vae o outro dos torrões que não deixam despontar o trigo ou outro qualquer cereal, e faz perder muita semente que não póde nascer por causa dos torrões duros e compactos não lhe permittirem de estender as raizes. 7. Os lavradores são obrigados a terem uma numerosa quantia de bois, afim de nos dois sobreindicados mezes poderem elles chegar a tempo de trabalhar as terras e semeal-as; mal que os prejudica na numerosa manutenção dos instrumentos, no maior numero de pessoas para guial-os, guardas e conservação dos bois, pois o que tem sessenta bois poderia fazer a mesma lavoura com doze, e em tempos mais proprios tanto para sementeira, como para o trabalho dos bois. 8. Finalmente, não fallo de um outro mal, porque longa coisa seria aqui, devendo elle pela sua importancia tractar-se em separado, *a da monda das hervas parasitas*, que abunda naquellas lezirias do Tejo, as quaes desde que existem nunca viram o que quer dizer limpeza. De maneira que estas são reduzidas por isso como a um animal que se acha cheio de immundicias que lhe produzem tantos tormentos que os reduzem éticos.

Todos estes defeitos que aqui apontei não são simples asserções hypoteticas, nem imaginarias, nem filhas de uma bella theoria; são resumidos do facto, que durante 5 annos que estou em Portugal, continuamente e com muito meu desgosto vi acontecer; e especialmente nas lezirias do Tejo renovam-se todos os annos estes tristes factos, que pude observar nas diversas excursões de proposito para attentamente examinar a causa que produziam estes males, e que tornavam aquellas propriedades de um rendimento tenue e incerto, e que tem sempre em suspensão ao lavrador pelo medo que ellas lhe andem mal, porque se tal lhe acontece acha-se privado do principal soccorro do seu regimen, e não sabe as voltas que ha de dar para se poder arranjar. Como tambem é pena ver terras tão boas como são as lezirias, capazes de produzirem em abundancia todos os generos que a ellas se confiam, produzir um só genero, o trigo tremez, e de mesquinha producção, que muitas vezes dá uma só semente ou duas, como aconteceu a diversos senhores proprietarios, que é inutil enumerar, os quaes obtiveram este infeliz resultado, causado pelo mau systema de lavoura.

Tudo isto póde desapparecer e tornar aquellas lezirias um verdadeiro celleiro do reino, e de transportar aos outros paizes abundancia de todos os productos, que se podem cultivar neste; e constituil-os fonte segura constante e perenne de rendimentos proficuos não só ao dono, mas tambem ao estado; fazendo ao mesmo tempo acabar as contínuas queixas contra aquellas insalubres terras, quando os lavradores introduzissem e adoptassem um remedio simples e facil, mudando inteiramente o systema de lavoura.

O que aqui tenho succintamente exposto a v. ex.ª são factos, como facto é o novo systema de lavoura, qne v. ex.ª tanto apreciou e que quiz que pozesse em pratica na quinta do Calhariz; como muito facilmente póde-se applicar e ampliar nas immensas terras que acabei tambem de visitar da Galha e Agualva, terras que seguramente, como já v. ex.ª tão sabiamente notou, e desejou que chegasse o tempo para pôl-o em execução, persuadido de que aquellas eram bem sufficientes de tornar-se um patrimonio digno da exm.ª casa a qual tenho a honra de servir.

Estas obras podem-se principiar em pequena escala, com limitadas despezas; e depois que os interessados conhecerem esta utilidade, á vista da somma de vantagens que deste methodo lhes ha de resultar, augmentarão as despezas como intenderem, e em breve verão completa a grande obra, progredir e florescer a companhia, tendo por base fundamental o systema que appresento á judiciosa opinião de v. ex.ª Tenho a honra de ser com a mais distincta consideração

De v. ex.ª
Muito attento venerador

Lisboa 5 de outubro
de 1850.

GAGLIARDI (João).

ABAIXO A RODA DOS EXPOSTOS!

(Concluido de pag. 557.)

Nos paizes reformados não ha roda, nem estabelecimentos de exposição. Ahi, os laços da familia não os afrouxam as instituições, o homem respeita o sentimento da sua individualidade, conhece os seus direitos e deveres, a religião põe-no em face de Deus e da lei, eleva-o aos seus proprios olhos, para não cair da sua dignidade. Desobrigal-o do trabalho para crear e sustentar a prole, julga-se um insulto á consciencia e natureza humana.

Triste e deploravel consequencia dos estudos que se têem feito sobre as exposições! Nos paizes onde a religião é mais severamente respeitada, é ahi aonde ellas são mais frequentes, e mais communs os crimes contra a concepção.

Eu reconheço que não é possivel, no estado actual, decretar a abolição da roda com o estabelecimento dos expostos, sem sacrificar primeiro aos preconceitos da

opinião publica uma parte da providencia. É inevitavel uma medida de transição. Essa deve ser a admissão patente, com todos os seus previdentes regulamentos, e acompanhada da organisação de um serviço respectivo de soccorros publicos. De certo, por este modo legalisam-se com muito mais força as exposições; mas note-se, que sendo a roda uma instituição secular, de todos conhecida, é por conseguinte tão auctorisada pelo governo, como será a admissão patente.

Deste modo, com as informações recebidas, a administração, natural tutora dos expostos, poderá indagar-lhes a filiação, e provêr no futuro á sua entrada na familia. Depois evitam-se as fraudes escandalosas, que diariamente se commettem, sendo recebidas no asylo crianças, cujos paes as podiam criar e sustentar. Em fim por meio de soccorros, prudentemente distribuidos ás mães indigentes, que não podem com a criação dos filhos, evitar-se-ha a horrorosa mortalidade das casas de misericordia, irreparavel, apesar de quantas reformas se hajam de introduzir nestes asylos.

Deste modo, egualmente, a administração concorrerá para radicar no povo o sentimento de moralidade, dos deveres individuaes e conjugaes, da temperança, da economia, e da previdencia domestica.

Eu sei perfeitamente que a fragilidade humana ha de ter quedas, o amor cegueiras, o coração fraquezas; embora: a admissão patente preservará muita innocencia facil ás seducções, amparará muita mãe, verdadeiramente mãe, que a beneficio de uma pequena pensão ha de cuidar com desvellada sollicitude do fructo dos seus affectos. Quantas não são hoje obrigadas a levar clandestinamente o filho coberto de lagrimas para a roda, só porque a falta de trabalho, ou a exiguidade da retribuição delle as condemna a uma miseria deploravel; a todas essas os soccorros publicos limparão o pranto, trocando as dores da separação na ineffavel alegria dos deveres da maternidade. Quantas uniões mal aventuradas, ganhando o marido apenas para a subsistencia quotidiana da familia, em que depois de uma consulta dolorosa sobre o destino do novo ente, que a Deus approuve conceder-lhes, o proprio pae se resolve á imperiosa crueldade de arrancar dos braços e affagos maternos o filho que vae lançar na roda: Quantas dessas uniões infelizes e miseraveis a administração irá alliviar com a esmola da caridade, conservando aos paes o penhor da alliança religiosa, que esperançosamente contraíram!

Uma só benção destes infelizes pagará todos os incommodos que a administração se dér para a merecer. Uma objecção, porém se oppõe á admissão patente, que parece irresistivel. Este systema, dizem, vae influir unicamente sobre aquellas, cujo pudor não consente a revelação da sua fraqueza, sobre a honestidade que inda podia salvar-se. Levanta-te, dignidade humana, e responde tu á falsa virtude. A primeira inclinação, o primeiro dever moral da mãe, a moralidade das moralidades é dar o seio ao seu filho, que é seu e não de outrem, e de mais ninguem: — foi a ella que Deus o confiou, perante elle é responsavel dos destinos daquella creatura. Saiba a mulher e diga-lh'o a religião, para tal queda só ha uma rehabilitação possivel; será crear o filho. Tudo o mais são transacções sophisticas com a moralidade, que ella não pòde admittir.

Assim entendi, quando notei a regra seguida na enfermaria de Santa Barbara, de se tirarem as creanças ás mães logo depois do parto, se ellas declaravam que os não queriam crear. Não se lhes dava tempo de serem mães. Era preciso deixar-lhes os filhos por algum tempo, deixar nascer, porque assim me exprima, o sentimento do amor materno, reestabelecer a mysteriosa solidariedade daquelles dois entes, quebrada um momento depois da parturição. O seio da mãe continua as funcções do cordão umbilical, o sangue foi, e o leite é agora o alimento do recemnascido, e não qualquer leite, mas aquelle daquella época, e de sua mãe. Durante a primeira creação a natureza prendeu-os um ao outro, e não consente que se quebre este sánto laço, sem que appareça, como castigo, a sua fatal consequencia.

Mas não basta. Eu já disse, ao principiar estas reflexões, que a maior parte das mulheres gravidas que se recolhem ao hospital, não tem os meios sufficientes para a criação do filho. É preciso que a administração venha em auxilio da vontade que ellas mostrarem em guardal-o; que a promova, que a excite, que a provoque com a esperança de um debil subsidio. Ella tem sempre de se encarregar das crianças, de as confiar a uma ama: pois sejam as mães as amas a quem as entreguem, e pague-selhe a creação como se foram expostos. Precisarei pôr patentes as vantagens desta providencia? para mim é claro, que sem a ajuda de custo nenhuma das mulheres que entrar para a enfermaria de Santa Barbara, deixará de expôr o filho; em quanto que as duas medidas combinadas e applicadas com prudencia e tino, salvarão muitas victimas das garras da mortalidade na misericordia. A primeira já está em pratica; o sr. provedor do hospital ordenou que as mulheres conservassem os filhos durante oito a dez dias, que é o tempo que ellas se demoram no hospital depois do parto. A segunda, prometteu-me o exm.° sr. provedor da santa casa, de a tomar em sua alta consideração, e fazer o que estivesse em seu alcance para se effectuar.

Com tudo não é dellas que eu espero grande beneficio. A população a que se applicam é a menos appropriada para a experiencia. Admissão patente, serviço regular de soccorros publicos, abolição da roda, este é que é o grande remedio ao mal de que padece a instituição viciosa dos expostos. Todos devem reclamar em nome da religião e da moral, da economia e da administração, tão salutar e benefica providencia.

Abaixo a roda dos expostos.

D.r T. DE CARVALHO.

PARTE LITTERARIA.

UM ANNO NA CORTE.

ROMANCE.

CAPITULO LVIII.

CONCLUSÃO.

A casa da sr.ª Brizida, a tia beata e devota

de Thereza, conservava aquelle caracter de severidade monacal, de inalteravel arranjo, de aceada simplicidade, que a distinguia entre todas as do bairro d'Alfama, quando a orphã provinciana veio nella buscar um refugio; a presença, porém, de uma mulher nova, com a alma animada pela poesia suave da innocencia e da singeleza, havia feito ao cabo de alguns mezes sentir, mesmo no meio de todas as austeridades da beata, o seu gracioso influxo. As flores do Santo Antonio eram escolhidas com esmero, dispostas com arte, de modo que as côres se harmonisavam, e os perfumes, misturando-se, enchiam o ar de suaves emanações; um rouxinol fexado n'uma gaiola, de que as folhas e as flores de plantas trepadeiras escondiam as grades aos proprios olhos do feliz captivo, cantava ao cair da tarde na janella que deitava para o estreito becco dos Açougues. Aquelle pallido e descarnado S. Francisco em extasi, que, nos primeiros dias que Thereza passou em casa de sua thia, tantas vezes a fizera extremecer de pavor, estava agora quasi todo escondido por uma cortina de seda côr de rosa; e mesmo o querido presepio da tia Brizida á força de ornatos, de fitas, de flores, tinha tomado uma physionomia risonha e de festa, muito outra e diversa desse antigo aspecto triste e lugubre, que a beata considerava como uma maravilha, não sendo mais do que o resultado das imperfeições daquella monstruosa composição de um escultor privado de todas as noções do bello.

Não era só no seu modo de ser physico que a casa da tia Brizida se havia deixado influenciar pelo benefico poder de Thereza: o amavel imperio que a graciosa menina conseguira exercer sobre a velha beata, havia tomado tal força por fim, que esta não via já senão pelos olhos de sua sobrinha, não pensava senão o que a *sua alegria* queria que ella pensasse. Todas as impertinencias acabaram, toda a rabugenta austeridade se trocou em condescendencia sem limites. Com tanto que Thereza a acompanhasse nas suas novenas, e a deixasse ir á Graça todas as manhãs propôr ao seu confessor os escrupulos da vespera, a tia Brizida estava por tudo quanto ella desejava, sem se queixar, e sem mesmo fazer reflexões ou dar conselhos.

— O que a minha alegria quer é sempre o melhor — costumava a beata dizer. — Parece-me, quando lhe faço as vontades, que obedeço ás ordens do meu bem-aventurado Santo Antonio.

Pode-se pois imaginar qual seria a afflicção, o susto da pobre velha, quando uma tarde Luiz de Mendonça, que nunca deixara de frequentar assiduamente a sua casa, entrou, com ar sério e respeitoso, na sala onde ella estava dobando ao pé da janella, e lhe pediu a mão de sua sobrinha. A tia Brizida, ao ouvir tal pedido, sentiu-se cair das nuvens, ficou sem saber o que fizesse, o que respondesse; por fim, voltou-se para Thereza, e n'uma voz muito tremula, perguntou-lhe:

— Que respondes a isto, minha alegria?

Thereza fez-se vermelha como um cravo, e balbuciou:

— Digo... digo que sim, minha tia.

— Pois queres deixar a tua tia velha? — E Brizida deitou-se nos braços de sua sobrinha a chorar e a soluçar.

Para socegar o animo da beata, e para a levar a consentir no que Luiz de Mendonça e Thereza lhe pediam, foi necessario que os dois namorados lhe fizessem solemnemente a promessa de jámais se separarem della.

O leitor perguntar-nos-ha talvez agora, como Luiz de Mendonça poude curar-se do seu extravagante amor pela rainha? responder-lhe-hemos sinceramente, que nada sabemos ao certo, sobre esse ponto interessante da nossa historia. Se, porém, se lembrar o leitor do poder que o tempo tem sobre os amores, sobre os amores sem esperança, já se vê; se, recorrendo á historia, se informar ahi do procedimento nada innocente de D. Maria Francisca com seu marido, e das particularidades do seu segundo casamento com o proprio cunhado, muitos annos antes da morte de Affonso VI, (casamento escandaloso este, em que se principiou a fallar pela cidade de Lisboa logo que a rainha, fingindo-se offendida por o secretario d'estado Sousa de Macedo não ter sido desterrado, e mostrando extraordinarios escrupulos de consciencia de que não julgamos dever dar aqui noticia, fugiu do Paço para o convento da Esperança, e pediu ao cabido da Sé a annullação do seu matrimanio): se, finalmente, nós lhe dissermos que Francisco d'Albuquerque, depois de encarecer as virtudes e perfeições de Thereza, recommendou ao seu amigo Luiz de Mendonça que a protegesse e a defendesse dos perigos do mundo, como se ella fora uma irmã sua; então o leitor poderá, como nós, suppôr que Luiz de Mendonça resolveu pedir em casamento a formosa Thereza, não talvez por se sentir totalmente curado dos seus infelizes amores, senão por desejar interpôr entre estes e o seu coração um novo affecto puro e consolador.

Na tarde do dia 2 de abril de 1668, isto é, sete mezes depois dos acontecimentos a que assistimos no anterior capitulo desta historia, na sala da tia Brizida estavam sentados em roda de uma meza, sobre a qual havia doces e fructas, a velha beata, os dois noivos, Fr. Thomaz do Espirito Santo e D. Feliciana, freira de Odivellas, amiga da sr.ª Brizida, que saíra do convento para se tractar de um reumathismo chronico, e que viera alli com o innocente fim do bisbilhotar com a beata. A merenda estava quasi no fim; e Josefa, a criada de Brizida, sentada no chão ao pé da janella fiava, para não perder tempo, na sua roca carregada de estopa.

D. Feliciana era uma freira perfeita; falladora, curiosa, delambida, espivitada, maldizente, e conceituosa. Era ella pois quem, naquella tarde, fallava por todos em casa da tia Brizida.

— Vi-os eu hoje — dizia a freira — vi-os entrar para o coche, a Rainha, quero dizer, a princeza e o seu novo marido. Ia alegre como se fosse a primeira vez, que lhe succedesse ser noiva. Agora já tem esperança de ser Rainha com todos os sacramentos; sem escrupulos, nem desasocegos. Porque não foi hoje á festa do casamento do Principe, sr. Luiz de Mendonça?

— Estava doente; tenho estado todo o dia bastante doente — respondeu Mendonça, corando um pouco e estremecendo.

— Sua Alteza foi buscar a cunhada, quero dizer, a esposa—proseguiu D. Feliciana, rindo-se, —foi buscar a esposa ao convento da Esperança e levou-a para Alcantara. Fez mal em querer tão de pressa tomar posse de todas as joias de seu irmão. Tirou-lhe a corôa ha dois dias, agora tira-lhe a mulher. Não quiz nem ao menos deixar-lhe as joias falsas.

— A Rainha ía vestida com muita riqueza? — perguntou Thereza.

— Queria parecer uma pérola, porque só pérolas levava em cima de si. Coitado do pescador, que foi buscar aquella pérola ao fundo do mar, ha de arrepender-se cedo.

— Tu tens bem pouco amor á Rainha, minha querida—disse a tia Brizida, interrompendo a sua amiga.

— Não lhe chames Rainha, Brizida, porque D. Pedro ainda não é senão principe; e o desgraçado, que alli está preso no palacio real, já não é seu marido.

— El-rei, quando ouvisse hoje os tiros no castello e no mar, não havia de ficar muito contente.

— El-rei — acudiu a freira — dizem que perguntou qual era a causa daquella alegria na cidade? Se seu irmão já estava rei? E, como lhe respondessem que se havia o principe casado com Madama Maria, acudiu logo: « Não me queixo da afronta que me fazem, não; o que sinto é dó de meu pobre irmão, que se ha de arrepender de tal casamento, mais cedo do que julgam todos os que hoje assistem a estas festas. »

— São extraordinarias essas palavras de D. Affonso — acudiu Luiz de Mendonça.

— Elle sabe bem o que diz.

— Sss! — sibilou com duvida Fr. Thomaz.

— A desgraça tem-lhe dado juiso. Dizem agora que o principe vae mandar seu irmão degradado para Guiné, e que já se está preparando o navio que o ha de levar. Tem-no ha seis mezes preso no paço, tirou-lhe a corôa e a mulher, e agora manda-o para Africa, ao pobre rei D. Affonso! Digam-me se é bom o principe que faz isto a seu proprio irmão?

— Rasões d'estado... — acudiu Mendonça.

— Já o amor se acha elevado ás alturas de rasão do estado! — exclamou D Feliciana — É uma opinião honrosa para um noivo. Tambem seriam rasões d'estado, as que fizeram com que neste negocio do casamento de D. Pedro se andasse com tanta precipitação? Madama Maria não podia estar descasada mais de oito dias! Parece que ficou com saudades desse primeiro casamento, de que diz tanto mal. A sentença, que annullou o seu matrimonio com D. Affonso, foi dada no sabbado de ramos; estamos na primeira oitava de paschoa e já está com outro marido em Alcantara.

— Foi para satisfazer ao requerimento das côrtes, que lhe pediram se casasse em Portugal, para nos não levar para França o dote, que ainda se lhe não pagou — disse Thereza.

— O caso não era para tantas pressas, menina. Descasada pelos ramos, casada por procuração na quarta feira de cinza, e já hoje a entrar princeza no mesmo palacio aonde ha pouco mais de um anno entrou rainha; e isto com o outro marido alli do Terreiro do Paço a ouvir estalar os foguetes da festa, é obedecer de mais ás rasões d'estado!

— Jesus senhor, minha querida, que murmuração! — atalhou a beata. — Agora estão casados; era vontade de Deus que assim fosse.

— Casados sem dispensa do Papa.

— Mas com dispensa do cardeal de Vendome, legado de Sua Santidade — acudiu Mendonça.

— Dizem que o breve de dispensa tem a data de 13 de Março. O cardeal consentiu no casamento de Madama Maria com o sr. D. Pedro, quando ella era ainda legitima mulher d'el-rei D. Affonso. Que legado este, e que Breve!

— Onde irá o nosso Francisco d'Albuquerque, a esta hora? — disse Thereza, para mudar de conversação; porque já estava cansada da maledicencia da freira.

— Vae por esse mar fóra — respondeu Luiz de Mendonça; — vae, com outros missionarios, converter á fé de Christo, salvar do inferno os indios do Maranhão. O padre Antonio Vieira, que o conheceu e muitas vezes lhe fallou agora no collegio de S. Antão, edificado da modestia, do ardor religioso, da humildade de Francisco, recomendou-o aos cuidados do superior dos jesuitas no Maranhão.

— Deus afaste delle esses martirios, de que tantos padres tem sido victimas, nas perigosas missões do sertão! — acudiu Thereza.

— E da amante de Francisco d'Albuquerque — interrompeu D. Feliciana — da celebre Calcanhares não se sabe nada?

— Estive ainda hontem em Santa Joanna — respondeu a tia Brizida, — e disse-me ella mesma, a boa e estimavel Margarida, que tenciona professar em Setembro.

— Faz nesse mez um anno, que Deus salvou milagrosamente a vida de Francisco d'Albuquerque — disse Thereza.

— El-rei não se tem lembrado da Calcanhares, depois que está prezo? — perguntou a freira, com escarneo.

— Lembrou-se para a dotar em tres mil cruzados, e lhe mandar pedir perdão das offensas que lhe fez — respondeu a beata com severidade.

— E estes nossos noivos tambem esperam por esse mez de Setembro, pelo mez dos milagres, para casarem? — acudiu D. Feliciana no mesmo tom de zombaria.

— Estes noivos esperavam só que se acabasse a quaresma para casarem. Antes de um mez teremos festa nesta casa.

Dizendo estas palavras a tia de Thereza levantou-se da meza, acabando por este modo uma conversação, que serviu para a freira D. Feliciana dar expansão á sua maledicencia satisfazendo ao mesmo tempo a sua golosina, e para o leitor ficar informado da sorte dos principaes personagens desta nossa historia. Poremos nós tambem aqui fim a este livro; pedindo ao leitor benevolo, que teve a paciencia de nos acompanhar até á ultima pagina, nos não queira mal por lhe havermos feito perder algumas horas.

J. DE ANDRADE CORVO.

X

A PARTIDA.

Vamos ao mar minha gente:
Temos tempo de feição,
Leva o ferro, larga as velas!
Vamos com Deos, e com ellas:
Deos nos leve a salvação.

Solta, solta a vela grande,
Solta a gavia, e mais traquete,
A cima as velas de proa,
Ó lá rapaz sobe, vôa;
Vae largar o joanete.

«Eia arriba, eia arriba»
Grita a maruja, e a corrente
No bolinete rangendo
O ferro vae suspendendo;
Eil-o ao costado pendente.

Pelas vergas pendurados
Os marinheiros estão,
Desfraldam-se logo as velas;
Vamos com Deos e com ellas,
Deos nos leve a salvação.

Iça agora o joanete,
Caça a bombordo a mezena,
Caça mais. Assim, avante!
Como caminhas galante,
Minha barca, e tão serena.

Aqui as ondas são leite,
Aqui o vento é bonança;
Mas outro vento ha lá fóra,
Diz-lo a voz estrugidora
Do mar que além se balança.

Deve ser por essas nuvens
Que lá vagam Sudoeste
O lá marujo do leme
Olha o mar como lá geme.
Põe a prôa sempre a Leste.

E a terra já vae fugindo,
E a leve barca lá vôa;
Passa-se a barra, e mais bella
Ante o Oceano, e a procella
As agoas rasga co'a prôa.

Ao vêr o immenso dos mares
A se perder no horisonte,
Salta alegre, impetuosa,
Atira as ondas raivosa,
Ante o espaço eleva a fronte.

Vem o mar bater-lhe os flancos,
Vem contra ella se quebrar,
E com suas azas de neve
Mal apenas o percebe
Em seu irado bramar.

Cresce o vento, marinheiro,
Larga escotas á bolina,
Riza a gavia. Talha o lais,
Ferra a giba. Ferra a estaes.
Já no mar o sol s'inclina.

Vem a noite feia e negra,
É forte o mar, forte o vento:
Ferra o joanete. Eia, ávante!
Ó minha barca galante:
Deus te leve a salvamento.

Cahiu a noite; e lá vaga
Ella só sobre o Oceano,
— Franco ponto no infinito,
A quem seu fado ha prescripto
De Deus o berço sôb'rano.

XI

PESAR.

Ah! happy years! once more who would not be a boy!
BYRON.

Quem me déra os tempos bellos
De minha infancia gentil,
Quando vivia contente
Sob um céu de puro anil.

Quando innocente minh'alma
Inda não tinha paixão,
Quando as dores não moravam
Dentro do meu coração.

Qnando ao sorriso materno
Os breves labios abria,
E por elle acalentado
No seu collo adormecia.

Quando era a vida o presente
Juncado de lindas flores,
Quando no mundo sómente
Sorriam risos e amores.

Então vagava nos campos,
No praser me embevecia,
De dia jogos e festas,
Sonhar á noite alegria.

Oh! que vida tão fagueira
A vida que então vivia!
Era um sonho de innocencia,
De meiga e pura magia.

Quem me déra os tempos bellos
De minha infancia gentil,
Quando vivia contente
Sob um céu de puro anil.

Quando meu pae nos seus braços
A seu peito me apertava,
E meu irmão pequenino
Comigo tambem brincava.

Quando a aurora era mais linda,
E tinha o sol mais fulgor,
Quando toda a natureza
Fallava sómente amor.

Quando a avesinha do bosque
Me trinava melodia,
Quando a flor do verde prado
Mais puro o calix abria.

Quando gostava nos campos
Apanhar a mariposa,
Colher o cravo, a açucena,
Desfolhar a linda rosa.

Quando vivia nas varzeas
De minha patria tão bella,
Quando do puro horisonte
Não fugira a minha estrella.

Quando era vida de amores,
A vida que então vivia,
Quando era um sonho innocente
De meiga e pura magia.

Mas que é da flor d'esta vida?
Como a rosa se esfolhou
Da ventania açoutada!
E á mingoa d'agua seccou!

Ficou sem folhas e viço
— Haste pobre, e ressequida —
Sem ter no mundo um sorriso,
Sem uma esp'rança de vida.

Oh! quem me dera de novo
O meu puro céu de anil,
Meus brincos e minha infancia,
Minha infancia tão gentil?

XII

Bella filha, dos homens encanto,
Ó meu anjo de amor e candura,
Por quem só minha vida passára
Entre penas e negra tortura.

Tu não vês os meus olhos em lagrimas,
Tu não vês a minh'alma quebrada
A teus pés se rojando humildosa
Entre espinhos, de sangue banhada?

Não escutas meus tristes suspiros,
Que se perdem na immensa exteusão,
Não escutas os longos anceios,
Os gemidos do meu coração?

Tudo escutas e vês ó donzella,
Mas tua alma de bronze fundida
Nem ao menos me deixa uma esp'erança,
Nem de sonhos me doira esta vida.

Nem me lanças teus langues olhares!
Oh! com elles feliz eu vivera:
Nem um riso! Sómente por elle
Minha vida, meus sonhos te déra.

Nem me dizes em phrase singella,
Como o aroma de candida flor,
« Eu te adoro, eu te prézo na terra,
« Só por ti, só por ti tenho amor. »

E eu definho na flor da existencia!
Oh de sonhos o peito nutrio,
E na campa inanido, mirrado
Ir o somno da morte dormir...

Um só riso, uma phrase sómente
Que da vida me abrande o soffrer,
Um só beijo no amor abrasado
Ó meu anjo, depois. . só morrer.

XIII.

A FLORINHA.

Florinha bella, engraçada,
Porque nasceste sosinha
Entre a relva despresada?
Tão longe das outras flores,
Tão longe dos teus amores?

És mais gentil do que a rosa
Com tua fronte singella;
Brilhas nos campos como ella,
Do que ella tens mais primor,
Porque não vens offuscal-a,
Tirar-lhe o sceptro e o fulgor?

Oh! vem formosa
Rosa
Render-lhe preito
Render-lhe amor.

Dize, não sentes desejos
De estares entre os jasmins,
De sentires os seus beijos?
E porque longe das flores,
Tão longe dos teus amores?

A dhalia, o cravo, a açucena
A teus pés se hão de curvar,
Teu calix hão de amparar
Do vento ao cego furor,
Perfumar teu pé viçoso
Com seu doce e grato odor,

Oh! vem singella
Bella
Ouvir suas juras,
Seus ais de amor.

No outro dia a florinha,
Que dos jardins mais viçosas
Devia ser a rainha,
Ficou bem longe das flores,
Bem longe dos seus amores.

Ficou, sim! no meio da relva.
Lançou seu pé delicado
O furacão arrojado!
Nem soubeste o que era amor,
Morreste virgem de affectos,
Minha linda e casta flor.

XIV

AO ILLM.º SR. AUGUSTO EMILIO ZALUAR.

.....jamais roses de poesie,
Trésors charmants de grace et de fraicheur
De tels parfums n'emembaumerent l'Asie.

MILLEVOYE.

I

Donde venns perfumada de harmonia
Aura celeste que sussurras meiga
Sobre as campinas da brasilea terra?
Porque teu som melodico se entranha
No profundo do peito? porque bate
Contente o coração quando te espalhas
Bella e suave pelo espaço immenso,
Como vago gemer de aeria nota
Do céu descida a embalsamar os ares?
Quem não ama escutar-te? quem não julga
Percebendo-te ouvir a triste historia
De poeta infeliz, a quem a aurora
De esperauça e ventura foi brilhante
Subitaneo crepusc'lo antes das trevas
De borrascosa noite? Oh! quem não ama-te
Quer descantes saudades, quer as graças
Da naturesa com primor descrevas?
Que peito não se abranda a teus accentos?
Quem não pergunta ouvindo-te os queixumes
D'onde vens perfumada de harmonia
Soar nos campos da brasilea terra?
De que lyra te partes? quem te anima
Da saudade e candura effluvio santo,
Quando da terra as sublimadas harpas
Subito se calaram como as aves
Ao som longinquo do ribombo ethereo?
Tu só do prado rouxinol ameno
Não perdeste tua voz, mas sim contricto
Da piedade e do amor soltaste os cantos,
Tu só não penduraste a lyra d'oiro
Dos ventos ao soprar: mas porque gemes?
Quem és tu que dás vida ás cordas puras
Da innocencia, e do encanto? d'onde has vindo?
Porque fazes soar tua voz angelica
Sobre as campinas da brasilea terra?

II.

Dize-me oh bardo, que animas
Com tuas canções divinas
Deste som o alto condão,
Dize, d'onde o recebeste,
Onde esse canto aprendeste,
Quem te deu a inspiração?
Onde bebeste a candura,
A singella formosura
De teus hymnos virginaes,
Mais lindos que as lindas flores,
Que as diversas varias côres
Dos sorrisos matinaes?

Em teus sons melodiosos
Não vejo os campos formosos
De minha patria querida?
Oh! foi nelles que aprendeste?
Que a inspiração recebeste?
Oh! nelles passaste a vida?

Meus campos esmeraldinos,
Meus ribeiros cristalinos,
Tinham encantos assi;
A brisa assim sussurrava,
E como ella suspirava
Tu suspiras hoje aqui.

Suspiras aqui errante
Como o pobre navegante
Pelo porto no alto mar,
Qual o amante pela amada,
Quando chega a hora aprasada,
Em que viver é amar.

Não te lembram as estrellas,
O luar, as noites bellas,
Sua ineffavel magia?
O rouxinol descantando,
Quando o sol vae mergulhando
Do seu brilhar a ardentia?

Se tu vês brilhar a aurora
Com sua face encantadora,
Lembram-te nossas manhãs,
Quando a terra e o céo fulgindo,
Vão alegrando, surrindo
Como duas ternas irmãs?

Lembra-te o Tejo correndo,
Com suas aguas lambendo
De nossa terra a princeza?
Nosso céo, nossas campinas,
Nossos prados de boninas,
De nossa patria a belleza?

Oh! lembras-te, que a saudade
No teu peito jámais hade
Apagar sua viva chamma;
Por ella tanges tua lyra,
Por ella o genio te inspira,
Só ella tua mente inflamma.

Saudade, amor, e pureza,
As graças da natureza
Não podem vencer-te os cantos;
Quem podera concebel-os?
Em versos quem descrevel-os?
Quem lhes cantára os encantos?

III

Á sombra da palmeira te assentaste
Do desterro na terra peregrino,
E destes climas as canoras aves
De ouvir pasmaram teu cantar divino.

Tua voz resoou; ouvi-lhe os cantos,
De minh'alma o viver vi mitigar-se,
E um conforto no exilio, uma esperança
Dentro em meu coração alevantar-se.
A ti oh bardo a melodia, a graça;
A mim os males que meu peito encerra,
Faze pois resoar tua voz angelica
Sobre as campinas da brasilea terra.

JOSÉ RAMOS COELHO.

NOTICIAS E COMMERCIO.

Exposição no Passeio Publico. — Nos dias 12, 13, e 14 de junho deverá ter logar neste Passeio a primeira exposição neste anno de plantas raras e importantes, tanto de jardinagem como de horticultura e alta agricultura.

Serão tambem admittidos os fructos, e em geral quaesquer productos agricolas que mereçam alli concorrer, bem como quaesquer novos instrumentos e maquinas de reconhecida vantagem, tanto para jardinagem, como para horticultura e alta agricultura.

Tendo estas exposições por fim principal, que por meio do exame e estudo publico sobre os objectos que alli concorrerem, se facilite o desenvolvimento dos indispensaveis conhecimentos sobre a sua cultura e aproveitamento, por isso, e para que este resultado se possa mais facilmente conseguir, em beneficio publico, rogo por muito favor a todos os srs. expositores o obsequio de acompanharem cada um dos objectos que alli mandarem, de uma nota na qual conste, não sómente o seu nome e procedencia, como tambem quaesquer explicações que julguem necessarias, sobre cultura etc. etc.

Quando os srs. expositores quizerem vender alguns dos objectos que alli mandarem deverão juntar-lhes os respectivos preços — e quando se dê o caso de vender, roga-se a seus donos que dalli os não retirem senão depois de acabada a exposição.

Um jury, composto de pessoas competentes, avaliando quanto alli concorrer, posteriormente fará publicar pela imprensa o seu juiso imparcial a este respeito. Este juiso porém será sómente feito sobre aquelles objectos que devidamente o merecerem, e por essa occasião o mesmo jury lhe designará premios.

Estes premios serão dados em titulos honorificos, de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, e se fôr possivel, outra sorte de premios serão tambem concedidos.

Adverte-se que todos os objectos que forem mandados á exposição devem estar no Passeio até ás 3 horas da tarde do dia antecedente acompanhados de uma relação em duplicado, na qual ellas se designem, e o seu numero. Estas relações devem ser entregues ao jardineiro que rubricando-as restituirá uma dellas ao portador, para com esta tornar a receber os objectos que della constarem.

Previne-se que a hora de se fechar o Passeio será quando as bandas de musica se levantarem dos logares onde estiverem estado, e tocando em marcha o hymno do lavrador, ou outra qualquer peça de musica, saírem pelas respectivas portas.

Lisboa 1 de junho de 1853.

O vereador
AYRES DE SÁ NOGUEIRA.

Alfandega da Figueira. — Temos presente uma mappa estatistico, por onde consta o rendimento da alfandega da Figueira, desde o 1.º de janeiro de 1835 até 31 de dezembro de 1852, e bem assim o numero de embarcações entradas e saidas durante o indicado periodo.

O total dos rendimentos foi de 701:718$636 rs., sendo 656:084$586 rs. para o thesouro publico; 5:184$553 rs. para a junta de juros; 2.178$304 para a junta do commercio; e 38:271$193 para a junta do credito publico.

Os annos de maior rendimento foram por sua ordem — 1845 — 1849 — 1843 — 1848 — 1850 — os de menor, os annos de 1840 — 1841 e 1838.

O total das embarcações entradas foi de 6:524; e das saidas, de 6:446. Os annos de maior movimento maritimo não correspondem nos annos aos de maior rendimento na alfandega; pelo contrario, coincidem em geral com os annos menos lucrativos na fiscalisação, como são os de 1839 — 1840 — 1841.

Os annos de 1851 e 1852 são os mais pobres no movimento dos navios.

Se comparar-mos estes dados com os que se observam no porto e alfandega de Vianna do Castello, vemos aqui maior rendimento fiscal, e menor movimento maritimo. Durante o mesmo periodo, na barra de Vianna entraram 4:178 navios, e saíram 4:158; e a alfandega rendeu 987:395$103.

(*Observador*).

THEATRO PORTUGUEZ.

Chamamos a mais séria attenção do governo sobre a reforma dos regulamentos que dizem respeito ao theatro portuguezes. O estado actual é impossivel por todos os motivos. Constava que a commissão do theatro de D. Maria II, levára á presença do governo um projecto de reforma sobre o qual é urgente tomar alguma resolução. Parece que a commissão se não reuniu mais depois da ultima sessão em que ha tempo accordou nesse projecto, e que a direcção do theatro nessa occasião pedira a sua demissão.

De tudo isto resulta uma situação anormal que reclama forçosamente a attenção do governo. Accresce que se deve votar préviamente o subsidio do theatro, e muitas pessoas que seriam de opinião que elle fosse elevado a uma situação que para actores e auctores tivesse mais vantagens, não concordaram nem em um conto, quanto mais em seis contos que ao presente nos custa essa sombra de theatro normal, que está recrutando espectadores nos repettidos beneficios, que pelo vil preço das entradas fazem descer o theatro ao ultimo gráu da decadencia.

THEATRO DE S. CARLOS.

No sabbado 4 do corrente subiu á scena neste theatro a nova dança em 3 actos, *Fenella*, em beneficio da primeira bailarina absoluta M.me Monticelli.

O publico prestou a devida homenagem ao talento distincto da beneficiada. A sua apparição em scena foi saudada com applausos geraes e prolongados, e em todo o decurso da representação foi madame Monticelli festejada com corôas, *bouquets*, e com todas as demais provas de apreço e sympathia que tem sabido merecer a este publico nas tres épocas consecutivas, em que ha figurado com tanta distincção no nosso theatro lyrico.

Nesta dança executa Madame Monticelli dois lindos *passos* com Mr. Cappon, um dos quaes em caracter *sevilhano*. O *adagio* do primeiro é composto de bellos e variados *tableaux*, em que temos a admirar não só a correcção do desenho como tambem a firmeza, facilidade, e *à plomb*, com que são executados.

As suas *variações* e *entradas*, são de muito effeito, e cumpre notar sobretudo que madame Monticelli não se limita a um só genero de dança. Ella emprega, como temos observado, ora o genero *taquetè*, e *terre à terre*, ora difficeis passos *sur les pointes*, umas vezes passos de força, outras o genero *balloné* e de *sbalzo*. Não admira, portanto, que durante todo o tempo que se tem conservado entre nós, ella tenha conseguido variar sempre os seus passos, apresentar novidade, e satisfazer completamente a generalidade do publico.

A Sevilhana, que M.me Monticelli dança no 3.º acto com Mr. Cappon, é um gracioso passo em caracter, e executado com muita graça e delicadeza.

Neste, como no primeiro passo, foi a beneficiada constantemente applaudida, recebendo do publico todas aquellas demonstrações de apreço e sympathia que formam a gloria de um artista.

M.me Monticelli vae em breve deixar-nos, partindo para Italia, mas o seu nome ficará registrado para sempre nos annaes do theatro de S. Carlos como o de uma das mais distinctas artistas que tem figurado entre nós, e estamos certos que tambem de sua parte M.me Monticelli não poderá jámais esquecer os bellos triumphos que alcançou neste theatro, e conservará sempre do publico de Lisboa as mais gratas e saudosas recordações.

Mr. Cappon é digno companheiro de tão eximia bailarina; vae tambem partir, mas difficilmente poderá ser substituido por outro artista de egual merecimento. É que Mr. Cappon se torna credor dos maiores elogios não só pela perfeita execução de todos os seus passos, como tambem pela novidade que constantemente apresenta nas suas composições. A este artista prognosticamos a mais brilhante carreira na arte a que se dedicou.

A nova dança, *Fenella*, do sr. Segarelli, é uma composição coreographica do genero italiano, sobre o bem conhecido assumpto da *Muda de Portici*, ou a revolta de *Masaniello*, que pelo enredo da acção, e interessantes scenas mimicas que encerra, prende continuamente a attenção do espectador. É muito gracioso o bailado em caracter, a *Tarantella*, dança nacional napolitana, reproduzida com verdade sobre a scena, e perfeitamente executada pelo sr. Segarelli com o corpo de baile.

O sr. Segarelli, não só como auctor da dança como tomando parte importante nella no desempenho do papel de *Masaniello*, mereceu a approvação do publico, e na verdade, bastaria a interessante scena que elle executa no 1.º acto entre os pescadores para lhe adquirir a indisputavel reputação de um excellente artista mimico.

A sr.ª Sophia Costanza desempenha perfeitamente a parte de *Fenella*, e nella encontramos sempre uma artista habil e sympathica, que exprime com a maior naturalidade, por meio da mimica, as paixões, que a commovem, e que pertende traduzir sobre a scena. O publico, que tem sempre mostrado a esta artista o seu agrado, quiz na noite do seu beneficio na segunda feira passada honral-a com flôres, corôas, e numerosos applausos, chamando-a mais de uma vez ao proscenio.

Sentimos que a composição do sr. Segarelli com tão bom exito, só fosse tres vezes á scena.

É um erro de má direcção, de quem retardou a representação desta dança até ao fim da época, e quando os principaes artistas que nella entravam, *haviam terminado já a sua escriptura* com a empresa!!

DEMETRIO RIPAMONTI.

BIBLIOGRAPHIA.

O AMIGO DA RELIGIÃO.

É este o titulo de uma nova publicação destinada a propagar a moral santissima do Evangelho, á defeza dos direitos da egreja catholica: e, finalmente, á instrucção publica.

Cada numero constará pelo menos de 16 paginas em quarto, e o primeiro saírá no dia 15 do corrente: continuando a saír regularmente um numero em cada quinze dias.

Doze numeros formam uma serie; e tres series completarão um bello volume com perto de seiscentas paginas, muitas estampas, vinhetas, etc.

As assignaturas fazem-se por series, sendo o preço de cada uma serie 500 réis, pagos sempre adiantados; condição sem a qual jámais se tomará conhecimento dellas.

Toda a pessoa que pagar dez assignaturas e remetter o seu importe directamente á redacção, será considerada correspondente, querendo, receberá uma assignatura gratis, e mais dez por cento de commissão; e abonar-se-lhe-hão as despezas, inclusivè os portes do correio.

Subscreve-se: em Lisboa, no escriptorio da redacção, rua dos Douradores n.º 31 N, 1.º andar; e na loja de João Paulo Martins Lavado, rua Augusta n.º 8.